

PARTICIPAÇÃO FEMININA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: AVANÇOS E DESAFIOS

Maria Eduarda Moraes Pais
Thaís Gaspar Mendes da Silva
Maria Inez Barboza Marques
Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Introdução

O seguinte resumo refere-se a uma pesquisa de iniciação científica intitulada “Participação de estudantes mulheres nos Programas de IC (PIC/PIBIC) e ITI (PITI/PIBITI) da Unespar: Tendências de participação e desafios para a igualdade de gênero”. Tem como objetivo analisar a participação de estudantes mulheres nos programas de Iniciação Científica (PIC/PIBIC) e de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PITI/PIBITI) da Unespar com base nos públicos disponíveis, identificando tendências de participação ao longo dos últimos anos, áreas do conhecimento com maior engajamento feminino e os aspectos relacionados à inclusão e equidade de gênero.

Para o alcance desse objetivo, a pesquisa, de cunho quali-quantitativo, desenvolveu uma revisão teórica acerca da temática. A análise identificou que a presença feminina na ciência perpassa por avanços importantes durante as últimas décadas, porém, ainda se evidencia as desigualdades estruturais que dificultam o alcance da equidade de gênero na ciência e no âmbito acadêmico.

Neste sentido, torna-se de suma importância o debate acerca do tema. Para elucidar esta temática, se faz imprescindível compreender gênero enquanto uma construção social, conforme propõe Joan Scott (1995), e como uma categoria relacional que estrutura as relações de poder na sociedade (Hirata & Kergoat, 2007).

Materiais e métodos

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de caráter quali-quantitativo, com abordagem estatística sobre a análise de dados acerca da participação feminina nos programas de IC & ITI Unespar. Os dados estão sendo coletados a partir de dados públicos disponibilizados pela instituição, referente aos editais

de inscrição, seleção de aluno, bolsa de incentivo e outros indicadores. Considerando que os editais não apresentam informações relativas ao gênero dos(as) participantes, essa identificação será realizada, de forma estimativa, a partir dos nomes, tendo em vista as limitações dos dados disponíveis.

Como recorte temporal, elegeu-se os últimos cinco ciclos (ciclo 2021/2022 ao ciclo 2024/2025), tendo por base as grandes áreas de conhecimento dos cursos de graduação da Unespar, sendo elas: Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Ciências Sociais e Aplicadas, Engenharias, Linguística, Letras e Artes, Ciências Exatas e da Terra.

A análise ocorrerá de forma descritiva, com base em gráficos, tabelas e indicadores, visando mapear a participação de mulheres nas diferentes áreas do conhecimento, bem como realizar uma análise comparativa entre a presença feminina e masculina, evidenciando as disparidades entre as áreas.

Resultados e Discussão

Com base na revisão bibliográfica realizada, observa-se que a presença feminina no ensino superior tem se ampliado nas últimas décadas; entretanto, ainda há obstáculos que dificultam este processo para as mulheres, dentre eles, destacamos o conceito de gênero e seus reflexos na divisão sexual do trabalho e ciência.

Conforme Joan Scott (1995), o conceito de gênero está relacionado às relações sociais entre os sexos, referindo-se à construção social de papéis de gênero, sendo esta uma categoria social imposta a corpos sexuados. Para Joan Scott, esse conceito organiza-se em duas formulações: gênero enquanto um elemento constitutivo das relações sociais e gênero enquanto uma forma primária de dar poder.

Não obstante, Saffioti (2015) complementa ao destacar que “[...] gênero é a construção social do masculino e do feminino [...]” e que o patriarcado é uma categoria que “[...] não se limita apenas à família, mas permeia toda a sociedade” (Saffioti, 2015, p. 49). Observa-se esse apontamento nos mais variados âmbitos, dentre eles o trabalho, por meio da divisão sexual do trabalho, e até mesmo na ciência.

A divisão sexual do trabalho é parte constitutiva da formação social capitalista, sendo desenvolvida ao longo da história e adaptando-se a diferentes contextos, mas sempre mantendo a premissa da submissão feminina. Cabe compreender como se dá essa dinâmica. Hirata e Kergoat (2007) apontam que a divisão sexual do trabalho decorre das relações sociais entre os sexos, dividida em dois princípios: diante do princípio hierárquico o trabalho masculino vale mais que o feminino, associando homens a esfera produtiva e mulheres a reprodutiva

Sendo assim, o trabalho não remunerado exercido por mulheres não é visto enquanto trabalho. Visualiza-se esta realidade a partir de Marques (2015), às práticas sociais historicamente atribuídas às mulheres que permanecem associadas ao trabalho doméstico e conjugal, reforçando uma imagem maternal e de cuidado.

Esta realidade se materializa no campo da ciência através da exclusão feminina do acesso ao saber ao decorrer da história, mulheres foram privadas de estudar e outrora estiveram ausentes das discursivas históricas, científicas, filosóficas e culturais, sendo admitidos apenas pensadores homens nas universidades, conforme Bandeira (2008). Esse processo histórico de exclusão feminina contribuiu para a consolidação da hegemonia masculina na ciência.

Desse modo, vê-se reflexos desta construção histórica até os dias atuais, por meio de dados catalogados pelo CNPq (2021) e IBGE (2022), observa-se embora haja o aumento da participação feminina no âmbito da graduação e pós graduação, algumas áreas ainda apresentam predominância masculina, como por exemplo engenharia, física, computação e outros campos da tecnologia.

Cabe mencionar a prevalência feminina em áreas historicamente atreladas ao cuidado e aos afazeres domésticos, em contraste com a concentração masculina em disciplinas ligadas à economia, à política e às ciências da natureza, ressaltando, assim, a desigualdade de gênero nesse âmbito, conforme Cunha, Dimenstein e Dantas (2007).

Outro fator a ser considerado neste contexto são os desafios que cercam mulheres, que dificultam seu processo de formação, sendo um deles a múltipla jornada de trabalho, e a conciliação da maternidade com a formação, o que acaba dificultando este processo. Vale ressaltar que esta realidade se torna mais

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

incisiva para famílias monoparentais (mãe solo), que por vezes não tem uma rede de apoio.

Embora a realidade feminina no campo acadêmico ainda seja marcada por obstáculos no processo de formação e acesso, é possível observar avanços significativos nesse cenário. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), divulgados no Censo da Educação Superior de 2025, apontam que o Brasil alcançou a marca de 10 milhões de estudantes no ensino superior em 2023.

No âmbito da pesquisa científica o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 2023, indicou a ampliação da participação feminina nas atividades científicas e tecnológicas no âmbito dos Grupos de Pesquisa cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa.

Observa-se que de fato houve uma ampliação da participação feminina de acordo com o referencial teórico, entretanto os reflexos históricos ainda persistem, manifestando-se na concentração feminina em áreas relacionadas aos cuidados, áreas historicamente desvalorizadas economicamente e socialmente, e na alta concentração masculina áreas ligadas a econômica, política e ciências da natureza e tecnologia.

Considerações finais

A partir da apropriação do referencial teórico, compreende-se que a temática abordada é de suma importância, uma vez que elucida o fato que os avanços quantitativos não eliminam as desigualdades qualitativas, ao destacar o processo histórico vivenciado por mulheres e como a sociedade se molda através de papéis de gênero.

Compreender as manifestações desta dinâmica no âmbito acadêmico se faz necessário uma vez que instituições de ensino tem a função de socializar conhecimentos para com a sociedade. Ao analisar estas incoerências permite-se pensar novas abordagens para a participação equitativa de mulheres no âmbito do ensino superior e produção científica.

Referências

CNPq. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Série histórica: distribuição de bolsas por sexo e área de conhecimento.**

Brasília: CNPq, 2021. Disponível em: <http://portal-adm.cnpq.br/web/guest/apresentacao1>. Acesso em: 10 abr. 2025.

CUNHA, Rocelly; DIMENSTEIN, Magda; DANTAS, Candida. **Desigualdades de gênero por área do conhecimento na ciência brasileira: um panorama das bolsistas PQ/CNPq. Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 45, n. esp. 4,** p. 156-170, dez. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/X4B8B69D9cPFhxQbZDQSD6c>. Acesso em: 10 abr. 2025.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 37, p. 595–609,** set./dez. 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 abr. 2025.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2024: resultados.** Brasília: INEP, 2025.

Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/centro-da-educacao-superior/inep-divulga-resultado-do-censo-superior-2024>. Acesso em: 17 fev. 2026.

MARQUES, Maria Inez Barboza. **Divisão sexual do trabalho e suas expressões: reflexos a partir do trabalho docente em Serviço Social na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).** 2015. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Disponível em:

<https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/17742/1/Maria%20Inez%20Barboza%20Marques.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.